



# País fica fora do top 200 universitário

USP avança no Times Higher Education, mas já esteve em posi o melhor; para crescer não basta dinheiro do governo, diz editor

**Barbara Ferreira Santos**

A Universidade de São Paulo (USP) subiu de posi o no ranking Times Higher Education (THE), da publica o britânica Thomson Reuters, a principal lista internacional de universidades. Apesar da melhora do desempenho da USP – a institui o brasileira mais bem colocada –, o País continua sem nenhuma institui o entre as 200 melhores do mundo.

Neste ano, a USP está na lista entre o 201.  e 225.  lugares. No ano passado, estava entre 226.  e 250.  lugar – o THE não revela a posi o exata de cada institui o a partir do 200.  lugar. A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a segunda brasileira na lista, não figura entre as 300 melhores. Está na mesma posi o do ano passado: entre o 301.  e o 350.  lugares.

## Vice-reitor da USP diz que varia o de posi o   ‘natural’

● O vice-reitor da USP, Vahan Agopyan, afirmou, em nota, que a “varia o das posi es ocupadas pela USP nos mais variados rankings internacionais   natural”. Segundo ele, a universidade não muda atividades às classifica es. “Nossa pesquisa   reconhecida internacionalmente, o que pode ser expresso, por exemplo, na coloca o alcançada na mais recente edi o do ranking da Scimago – de setembro –, em que a USP está entre as dez institui es mundiais que mais produzem trabalhos científicos de qualidade e relevância.”

Já o coordenador-geral da Unicamp, Álvaro Crósta, viu como positiva a posi o. “Trata-se de um dos três rankings de maior prestígio e destaca, como principais indicadores da nossa qualidade, o número de doutores que formamos, a quantidade expressiva de recursos de pesquisa que captamos com fontes externas e o número de artigos indexados que publicamos em rela o   quantidade de docentes e pesquisadores.” / B.F.S.

O Brasil chegou a ter uma institui o no top 200 em 2011 e 2012, quando a USP estava nas posi es 178.  e 158. , respectivamente. Mas o País continua sendo o mais bem colocado da América Latina. Neste ano, por exemplo, Chile e Col mbia aparecem a partir do 300, abaixo do Brasil.

Entre as 200 melhores institui es, há 28 países representados, ante 26 do ano anterior. Os ingressantes são Itália e Rússia. Na lista constam países emergentes, como a Turquia, com quatro cita es no top 200, e Cingapura, com duas. No topo do ranking do THE, nenhuma surpresa. O Instituto de Tecnologia da Califórnia ocupa a primeira posi o pelo quarto ano consecutivo. Harvard e Oxford estão no segundo e terceiro lugar, respectivamente.

**Emergentes.** Para o editor da publica o, Phil Baty, um país com o tamanho e importância econ mica do Brasil deveria ter uma institui o entre as 200 melhores do mundo.

“Outros países emergentes e membros dos Brics têm universidades no top 200, como Rússia (1), China (3) e África do Sul (1). São o Brasil e a  ndia não têm nenhuma no top 200”, afirma. “Universidades são muito importantes para assegurar crescimento saudável da economia. Inovam, criam tecnologia e conhecimento.”

Em época de crise orçamentárias nas duas universidades brasileiras, Baty fala sobre a necessidade de as institui es do País atrair mais dinheiro. “Está claro no ranking que   preciso ter generosos financiamentos para manter as posi es mais altas, pagar altos salários, tornar as carreiras atrativas para não perder pessoas talentosas e ter dinheiro para investir em infraestrutura”, explica. “  importante que as universidades consigam ter diversas fontes de financiamento, que vão além do governo, para continuarem tendo generosas entradas de dinheiro. Sem isso, v o perder posi es.”

**Internacionaliza o.** Para Rogério Menghini, professor titular aposentado da USP e diretor científico do programa SciELO de revistas científicas brasilei-



USP Leste. Para especialistas,   preciso acelerar a internacionaliza o

## TOP 10

UNIVERSIDADE	PAÍS	EM 2013
1� Instituto de Tecnologia da Califórnia	EUA	1�
2� Harvard	EUA	2�
3� Oxford	ING	2�
4� Stanford	EUA	4�
5� Cambridge	ING	7�
6� Instituto de Tecnologia de Massachusetts	EUA	5�
7� Princeton	EUA	6�
8� Califórnia, Berkeley	EUA	8�
9� Imperial College London	ING	10�
10� Yale	EUA	11�

Fonte: The

ras, as universidades do País têm de aumentar a colabora o internacional e o número de publica es, critérios importantes nos rankings internacionais. “O  ndice de colabora o internacional do Brasil   de 25%, enquanto entre os países da Europa   de 50%. O impacto de qualidade depende de cola-

boraqo internacional”, diz.

Ele explica que as universidades do País precisam criar mais aulas de ensino de segundo idioma para os alunos brasileiros. Além disso, devem ter aulas – tanto de gradua o quanto de p s – em inglês para atrair mais alunos internacionais.

Para Menghini, o programa Ciência sem Fronteiras, criado pelo governo federal, não   suficiente para solucionar o problema. “Esse programa, como foi modelado, não ajuda a ciência. Ajuda os estudantes a estudar o idioma inglês. O ideal seria trazer professores de fora para dar aula aqui. Tem de abrir as portas para o inglês.”

● **EUA**  
Os Estados Unidos dominam o ranking. No entanto, 60% das institui es analisadas pelo THE perderam posi es neste ano.



**NA WEB**  
Portal. Veja quais universidades estão no top 50

[estadao.com.br/e/top50the](http://estadao.com.br/e/top50the)

\* **ANÁLISE:** Leandro Tessler

## Precisamos ter mais institui es no ranking

A edi o 2014-2015 do ranking de universidades do Times Higher Education chama a aten o pela ausência de novidades do Brasil.   verdade que a USP ficou mais próxima da cobri-da faixa das top 200, mas continuar com somente duas entre as 400 melhores universidades do mundo não pode ser considerado um resultado animador.

Se comparamos o perfil t pico das universidades brasileiras com as mais bem colocadas constatamos que estamos muito atrasados em internacionaliza o e em ensino, além de muito de nossa pesquisa ser ignorada pelo mundo por ter sido publicada em português. Nas melhores universidades ainda apresentam forte endogenia e contam com pouquíssimos professores estrangeiros. Nossos currículos são baseados em um tempo excessivo em sala de aula e especializa o precoce, dificultando intercâmbio com as melhores universidades.

Não conseguimos atrair um número importante de estudantes estrangeiros. O que pode ser feito? Algumas respostas são óbvias: as universidades brasileiras precisam superar seu ranqo contra a língua inglesa. Internacionaliza o no mundo contemporâneo não   possível sem o uso pesado do inglês. Não vamos atrair mais estudantes estrangeiros se não forem oferecidos cursos em inglês.

  preciso buscar os melhores talentos do mundo todo (e não são do Brasil) nos processos de contrata o de professores. As universidades brasileiras e o Conselho Nacional de Educa o deveriam estar se perguntando como   possível formar no exterior profissionais melhores e com mais preparo para inovar expondo-os a uma forma o aberta, com menos da metade da carga horária obrigatória no Brasil. O programa Ciência sem Fronteiras está proporcionando uma exposi o internacional inédita para o ensino superior brasileiro. Precisamos agir rapidamente para não perder a oportunidade de transformar isso em educa o de maior qualidade, ter mais universidades de classe mundial e maior presença nos rankings.

\*   PROFESSOR DA UNICAMP, EX-COORDENADOR DE RELA ES INTERNACIONAIS DA INSTITUI O